



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia  
E-ISSN: 1983-3652  
revista@textolivre.org  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Brasil

Silva de Castro, Carlos Henrique; Junia da Silva, Ester; Rodrigues Andrade Vieira Helal, Elisângela; Santos Alecrim Gonçalves, Ghisene  
CASO CASEY HEYNES: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA DO TRATAMENTO DADO AO BULLYING NA ATUALIDADE  
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 5, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 25-33  
Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163628004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## CASO CASEY HEYNES: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA DO TRATAMENTO DADO AO BULLYING NA ATUALIDADE

Carlos Henrique Silva de Castro/Universidade Federal de Minas Gerais  
Ester Junia da Silva/Universidade Federal de Minas Gerais  
Elisângela Rodrigues Andrade Vieira Helal/Universidade Vale do Rio Doce  
Ghisene Santos Alecrim Gonçalves/Prefeitura de Contagem

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é refletir sobre o *bullying* a partir de uma análise semiótica, de viés greimasiano, de um excerto da *Revista Nova Escola* que aborda o caso Casey Heynes que, por sua vez, refere-se a um vídeo de sucesso veiculado na internet, no qual a vítima de *bullying* se rebela e agride violentamente um de seus algozes. O texto questiona, sobretudo, o papel da escola em casos como esse. Tais reflexões têm como propósito entender o papel do sujeito nessa narrativa e sua relação com o objeto, qual seja, livrar-se do *bullying*. Desse modo, acreditamos ser possível melhor entender acerca dos processos de construção de valores como a violência, a exemplo do *bullying*, discussão de extrema importância na contemporaneidade.

**PALAVRAS CHAVE:** *Bullying*. Educação. Diálogo. Aceitação.

**ABSTRACT:** The goal of this paper is to discuss about bullying from a semiotic analysis of greimasian bias, in a passage taken from the Brazilian magazine *Nova Escola*, which covers the Casey Heynes Case. It refers to a successful video broadcast on the internet in which a victim of bullying rebels and attacks violently one of his tormentors. The text asks, especially, the role of schools in those cases. Such reflections, in turn, are intended to understand the role of the subject in this narrative and its relation to the object, which is, getting rid of bullying. Thus, we believe it can better understand the processes of building values such as violence, like bullying, can be better understood – This discussion being of extreme importance nowadays.

**KEYWORDS:** Bullying. Education. Dialogue. Acceptance.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Nature is a language, can't you read?  
(Morrisey – "Ask")*

Nossas vidas são guiadas, invariavelmente, por crenças, valores e ideologias que, por sua vez, são alicerçadas em emoções e paixões. Estas últimas tratam-se de construções habilitadas pelos diálogos que experimentamos ao longo de nossa existência. Lara e Matte (2009) pontuam que paixão e emoção, na semiótica, são termos técnicos que designam fenômenos na relação entre sujeitos pela valorização de determinados comportamentos, flagrantemente por fugirem a padrões

preestabelecidos. Em texto de 2011, Matte aponta que “[a]s paixões são estados de alma do sujeito, disposições internas que são moralizadas coletivamente como excessivas ou insuficientes”. Assim, as paixões são criadas pelas moralizações sociais e, portanto, são construções coletivas. É fácil perceber isso se analisamos os valores culturais de dada comunidade em comparação com outras. A nudez pública, por exemplo, é natural para muitas comunidades indígenas e é imoral para o brasileiro médio do século XXI. A moral é facilmente identificável no nosso discurso. Para Castro (2010, p. 47), que se utiliza do arcabouço teórico bakhtiniano, os enunciados “(...) são um conjunto de signos que invariavelmente serão sempre dotados de ideologias produzidas no meio social”. De acordo com Bakhtin, [o] domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (BAKHTIN, 2006, p. 30).

E ainda, “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN, 2006, p. 30). Ou seja, nosso discurso parte de nossas ideologias bem como é por meio dele, composto por signos e palavras, que as ideologias são construídas e reconstruídas em um processo cíclico e constante de evolução.

A partir da crença de que o texto é ideologicamente tecido, de acordo com as paixões que nos movem, propomo-nos aqui analisar o percurso semiótico em um texto<sup>i</sup> extraído da Revista Nova Escola, de autoria de Elisa Meirelles. Anexo ao final do texto, ele aborda o caso Casey Heynes a partir do contexto social em que se dá a repercussão do caso. O texto refere-se a uma breve explanação sobre um vídeo<sup>ii</sup> que se tornou sucesso de acessos na internet e mostra o momento em que um garoto de 15 anos, aluno de uma escola australiana, ambiente no qual foi vítima de bullying, se rebela e ataca um dos seus colegas que o agrediam. O estudante é, a partir de então, aclamado como herói por muitos. O excerto com o qual trabalhamos questiona o papel da escola em situações como essa. Tal escolha para este trabalho tem o objetivo de provocar reflexões sobre o bullying na década de 2010. Tais reflexões, por sua vez, têm como propósito entender o papel do sujeito nessa narrativa e sua relação com o seu objeto, qual seja, livrar-se do bullying.

## 1 O PAPEL DO SUJEITO NA NARRATIVA

Ao falar da construção dos sujeitos na narrativa, é preciso levar em conta que as histórias são construídas em torno de uma figura central que é o protagonista e, devido à sua proeminência no texto, concentra informações importantes sobre as imagens do autor e do leitor do texto. Contudo, o protagonista nem sempre é o sujeito das ações. Na semiótica greimasiana, o protagonista é aquele que centraliza as relações com as demais personagens (LARA e MATTE, 2009). De acordo com as autoras, é possível observar que “o sujeito é diferentemente caracterizado segundo sua relação com o objeto e segundo sua capacidade de modalização” (2009, p. 36), ou seja, de concretizar suas intenções com esse objeto. Assim, o texto deve ser analisado como um todo a fim de possibilitar uma análise mais abrangente que contemple os reais significados construídos pelos discursos presentes em seu tecido<sup>iii</sup>.

Para maior entendimento dessa perspectiva, desenvolveremos uma análise considerando o sujeito do fazer, o sujeito de estado e o objeto de valor, o qual o sujeito do fazer quer modificar. No caso em questão, toma destaque o antiobjeto *bullying*. Os conceitos e suas aplicações serão melhor explicados na seção a seguir.

## 2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS EMOÇÕES E PAIXÕES

A partir do pensamento de Lara e Matte (2009), consideramos que o sujeito de fazer é aquele que age para transformar estados e altera a junção do sujeito de estado, que recebe esse nome por estar passivo à ação do sujeito de fazer, com determinados objetos de valor. Assim, é o sujeito de estado que é afetado pelo ato promovido pelo sujeito de fazer. Este busca sua conjunção com o objeto de valor em nome de uma paixão que possui suas bases em um quadro de valores construídos socialmente. Ou busca sua disjunção com um antiobjeto (um objeto não desejado). O processo de definição da paixão em jogo depende, portanto, não só do saber sobre o sujeito afetado, mas também de questões relativas ao meio cultural no qual ele se insere e a situação em que a emoção é percebida, como apontam Lara e Matte:

(...) a emoção é entendida como a perturbação do comportamento humano, a qual permite aos atores da comunicação perceber padrões distintivos que revelam estados passionais socialmente carregados de sentido. A semiótica das paixões, portanto, toma a emoção como um conjunto de expressão e conteúdo capaz de gerar efeitos de sentido passionais (LARA; MATTE, 2009, p. 58).

A partir de tais considerações, entendemos que a emoção e a paixão estão no escopo da semiótica greimasiana e não se confundem. A emoção é o elemento que torna disposições internas e individuais do sujeito, passíveis de uma moralização social. É um reflexo comportamental da ação do sujeito que está buscando a junção com dado objeto, movido por uma paixão. Dependendo da cultura e da sociedade, tal emoção será processada como reflexo ou não de uma paixão específica. Dessa forma, a paixão não é física, é uma interpretação cultural das perturbações corporais perceptíveis, uma moralização social sobre um fazer individual (LARA e MATTE, 2009). A emoção pode ser considerada um incômodo. Como em casos que somos obrigados a tomar decisões que envolvem questões morais. O fato de considerar um ato imoral refere-se à paixão. Agir contra esse ato, refere-se à emoção. A paixão para Heynes é livrar-se do *bullying* e conseguir a aceitação dos colegas. A emoção provoca seu ato violento. Para que isso ocorra, o percurso narrativo envolve transformações que só ocorrem por questões relativas a valor, a paixões e às ações do corpo, decorrentes da busca pela conjunção com os objetos de valor, tal como buscaremos explicar na próxima seção.

## 3 UMA ANÁLISE SOBRE O BULLYING

Para abordar a questão do *bullying*, tal como já explicitado, selecionamos como objeto de análise um texto sobre um caso de agressão sofrida por um aluno de nome Casey Heynes que resultou em violência física por parte do agredido. Tais cenas foram registradas em vídeo e divulgadas na internet, fator este que gerou enorme polêmica. Temos diferentes linhas de tempo que contam com sujeitos diferentes e transformações já ocorridas no percurso que envolve os atos de *bullying* pelos quais passou o estudante, que é figura central da narrativa e que podem ser exemplificadas pelo texto em estudo, pelo vídeo que se encontra na internet, entrevistas com o próprio Casey Heynes, também disponíveis na rede<sup>iv</sup>, dentre outras reportagens publicadas na mídia.

São elas:

- Acontecimentos anteriores ao *bullying*;
- O(s) momento(s) do *bullying*;
- O momento da agressão física e da gravação do vídeo;
- A divulgação do vídeo;
- A polêmica e, por fim;
- O questionamento do autor do texto em estudo sobre os acontecimentos que antecederam o episódio gravado envolvendo Heynes.

O que nos motivou a buscar um maior entendimento sobre a questão é o fato de que tal discussão poder causar outra transformação, qual seja, a partir do entendimento dos processos de criação da violência, conseguir livrar-se de algo dela. Nosso papel é provocar a discussão e contribuir para o diálogo a fim de que esse dia esteja próximo.

Partindo para o texto em si, quando a narrativa apresenta a afirmação: “O vídeo divulgado na internet gerou muita polêmica (...)”, observamos o relato de duas transformações. A primeira refere-se ao ato de divulgar o vídeo, tornando-o público. A segunda refere-se ao ato de a sociedade ver o vídeo e polemizar sobre ele. A partir daí, encontramos a linha de tempo do percurso descrito no texto selecionado. Neste trecho, partimos do momento em que o vídeo é difundido pela internet e ganha destaque, conforme trecho 2: “Uma cena de *bullying* gravada em vídeo se espalhou rapidamente pela internet nos últimos dias e ganhou destaque na imprensa mundial”.

Notamos que Heynes age para se livrar do *bullying* (seu antiobjeto), que tem um valor modal, ou seja, pode provocar a emoção necessária para a tentativa da transformação que representa livrar-se do *bullying*. Isso pode ocorrer porque o garoto tem uma paixão, que é, em termos modais, /querer-ser/ aceito e a aceitação desejada é o objeto valor.

Nessa primeira parte do texto, entendemos que o vídeo foi o detonador da polêmica. Nas cenas gravadas, há um 2º esquema narrativo em que Heynes, o sujeito de estado, não tinha aceitação que tanto desejava por parte dos colegas. Ao se rebelar, Heynes se transforma em sujeito de fazer por iniciativa própria, de acordo com o que considera moralmente correto. Notemos que há pressuposta aí uma transformação, qual seja, antes o aluno não agia com violência e, portanto, podemos inferir que se tratava de um aluno passivo, pois apesar de ter potencial para a violência, não a tinha como valor, mas passa a tê-la dessa forma a partir de uma emoção que o faz agir de maneira inesperada com o objetivo de livrar do *bullying* e, assim, alcançar a aceitação desejada. Heynes que, inicialmente, não tinha aceitação do grupo, após sua ação, é sancionado como um herói. Notamos, então, que a violência é valor para essa sociedade que aplaude a ação de Heynes. E Heynes, que inicialmente sofre com a violência do *bullying*, adere a esse quadro de valores e age da mesma forma. Não seria essa a intenção daqueles que praticam o *bullying* ou que o aplaudem? Podemos inferir, dessa forma, que mesmo sofrendo com a violência que se inicia com as ações do *bullying*, o grupo no qual Heynes está inserido é o vencedor. Ou seja, Heynes não é herói, tendo em vista que adere ao quadro de valores daqueles que utilizam o *bullying* para violentá-lo.

É importante ressaltar que o sucesso do vídeo na internet teve grande influência no caso, pois permitiu ao garoto ser sancionado como herói. Mais uma vez, fica claro que a violência é valor para grande parte da sociedade. Se o evento não tivesse repercussão, seria apenas mais um entre tantos outros casos que ocorrem nas escolas e não são fruto de qualquer discussão. Assim, pode-se

perceber que toda a paixão envolvida no julgamento e na sanção do garoto como herói foi construída pelo diálogo provocado com a divulgação do vídeo. Ou seja, a paixão é construída socialmente pela linguagem, como já pontuado.

A última parte do artigo em análise vem confirmar tal proposição tendo em vista que a *Revista Nova Escola* questiona se há de fato um herói e usa esse enredo como pretexto para discutir a questão do bullying:

No calor da repercussão e na maneira superficial como o tema foi tratado pelas emissoras, perguntas fundamentais ficaram sem resposta. Qual o papel da escola na história? O que levou o garoto à reação extrema? Há, de fato, algum herói?

Dessa forma, nota-se a presença de um destinador, a *Nova Escola*, o qual torna-se importante para o diálogo. Esse destinador, no fazer manipulatório que lhe cabe, visa manipular o destinatário (sociedade) fazendo-o crer que o *bullying* é um antiobjeto, que, por sua vez, é constituído de valores disfóricos e, portanto, indesejáveis. Vê-se que há dois percursos de Destinador: os valores da sociedade, segundo os quais a violência é eufórica, e a revista, que vê a violência (o *bullying*) como disfórica.

No primeiro trecho, notamos que uma determinada pessoa, que é o sujeito de agir, possuía o vídeo em seu poder, certamente passou de sujeito potencializado a virtualizado, depois a atualizado<sup>v</sup>, quando tinha o vídeo em suas mãos e podia divulgá-lo, e tornou-se realizado com a conjunção do objeto “divulgação do vídeo”, motivado pelo valor que determina a violência como algo a se mostrar, a se respeitar e serve até de entretenimento. Sem contar que pode haver outros motivos para a divulgação, como maldade e vingança. Trata-se de um quadro de valores que deve ser excluído dos círculos sociais, mesmo que isso soe um tanto romântico.

Da divulgação até causar a polêmica, pode ter havido novas transformações não declaradas, como a divulgação do *link* do vídeo e campanhas em redes sociais. Para que a gravação fosse possível, houve também um esquema narrativo em que Heynes era o sujeito de fazer e estava em disjunção com o objeto “aceitação” por parte dos colegas. Ele se rebela, se transforma em sujeito de estado e a violência é a forma encontrada para a conjunção esperada do sujeito de estado com o objeto “aceitação” por parte dos colegas, como nos mostra o trecho a seguir:

Com o sucesso na rede, Heynes passou de vítima a herói. Alguns dias depois, os dois garotos eram entrevistados em programas de televisão, apresentando sua versão dos fatos.

Nesse trecho, podemos identificar que Heynes é o sujeito realizado, tendo em vista que ele quer fazer e faz, ou seja, reage diante das provocações dos colegas. E consegue o desejado respeito, porque a violência, em muitos casos, é respeitada. Contudo, o aluno afasta-se de sua identidade, qual seja, do aluno passivo, que não reage às provocações mesmo tendo capacidade para tal. A violência do ato de Heynes não é vista como um elemento negativo por grande parte da sociedade que o aclama como herói. As transformações que modificam os estados dos sujeitos então, nem sempre apresentam soluções definitivas ou as melhores soluções. O que vai acabar com o *bullying*, certamente, não será a violência, mas o entendimento por parte da sociedade do processo que o constrói, dado como algo coletivo e social. Ou seja, a discussão das causas para se encontrar possíveis soluções.

Os outros garotos que vitimaram Heynes podem ser visualizados nessa parte como

sujeitos virtualizados, levando-se em conta que queriam ou deviam explicar suas ações, mas não sabiam como fazê-lo. Não seriam eles também vítimas de discursos que valorizam a violência, as demonstrações de poder? A emoção pode também ser vista neste contexto a partir do descompasso ou desconforto desses garotos com a mídia que questiona seus atos sem, contudo, tentar entender o processo pelo qual passaram e o meio no qual estão inseridos, ambos construções sociais das quais a sociedade participa.

O vídeo publicado na internet teve grande repercussão e pode-se inferir que o grande número de acessos se deve também à identificação das pessoas com Heynes, pois muitos sofreram *bullying* na infância e ainda sofrem com outras pressões e precisam, de alguma forma, liberar a raiva que têm reprimida. O que Heynes fez foi fruto de uma emoção que também pode fazer com que outros ajam da mesma forma em várias situações de suas vidas, mas não levam seus intentos a cabo por motivos diversos, como uma paixão que os move a objetivos que destoam de atos como os de Heynes. A violência e o ato considerado inédito por muitos são fatores que, de algum modo, atraem a atenção de muitas pessoas que compartilham do mesmo quadro de valores. O assunto ganhou espaço nas mídias convencionais, nas escolas e famílias com o objetivo de entender várias questões presentes no caso, como nos diz o excerto que segue do texto em análise:

Qual o papel da escola na história? O que levou o garoto à reação extrema? Há, de fato, algum herói?

Partindo desse ponto, consideramos que nesse último fragmento de texto, o sujeito do fazer será a repercussão do assunto, o sujeito de estado será as emissoras (mídia) e o objeto será refletir sobre o tema *bullying*, como se evidencia neste trecho:

Para responder a essas e outras dúvidas, NOVA ESCOLA ouviu as pesquisadoras (...). As considerações das especialistas têm como objetivo mostrar a professores, gestores e pais quais ensinamentos podem ser tirados do fato e como usá-lo no combate - constante - ao bullying.

A partir de um caso de *bullying* ocorrido na Austrália e sua publicidade, nota-se a importância da presença de uma destinadora, a revista *Nova Escola*, que deseja levar a sociedade, sua destinatária, a buscar refletir sobre as questões relacionadas ao problema, que, nessa linha de tempo, é o objeto. Somente o diálogo e a reflexão podem levar a sociedade a transformações realmente eficazes para a conjunção com a aceitação das diferenças para que a sociedade se livre do antiobjeto *bullying*. Trata-se de algo processual que é valor, como nos prova a grande repercussão do caso e a sansão de um herói que adere a esse conjunto de valores, e deve ser mudado. Não se trata de apenas um clichê, mas uma frase amplamente utilizada pelo senso comum é facilmente percebida como verdadeira, qual seja, “violência gera mais violência” ou outras variações da mesma. Se pais, educadores, governantes e a sociedade em geral se dessem conta disso, certamente os casos de *bullying* tenderiam a diminuir, bem como outros tipos de violência que nos acometem diariamente. Parece ser esse o posicionamento da revista, da qual foi retirada o texto em análise, e também presente em outro trecho que não consta em nosso anexo, com a afirmação de que os alunos envolvidos na briga divulgada no vídeo foram suspensos das atividades escolares. Segundo a publicação, “[c]om isso, (a escola) deixou de lado todas as características do bullying e passou a lidar com o problema como se fosse uma briga comum - sem dar importância para as razões que

levaram Heynes ao ato de violência.” Ainda, na mesma reportagem, comenta a especialista brasileira Adriana Ramos: "Ao suspender os dois, a escola não evidencia que, por trás da violência, está o bullying, nem dá a eles a chance de refletir sobre a questão".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o texto possui referências explícitas de intenções, valores e paixões, bem como das transformações necessárias para livrar-se do *bullying*. Dessa forma, acreditamos que a análise semiótica de discursos pode contribuir positivamente para o entendimento das relações estabelecidas, dos desejos e das paixões do ser humano, considerando, sobretudo, a dinamicidade do homem no mundo, como os valores podem ser desvirtuados e as vítimas serem aclamadas como heróis quando, na verdade, continuam vítimas de um sistema que valoriza mais as emoções e as transformações fugazes que apresentam soluções temporárias, mesmo ancoradas em paixões como a violência, do que as soluções que levam em consideração os processos de construção de tais paixões, que só trazem novos problemas sociais.

É de extrema importância a discussão provocada pela revista *Nova Escola*, voltada para educadores, por questionar os valores de uma sociedade que cria heróis a partir de seus atos violentos. Não nos interessa aqui crucificar Heynes. Contudo, não se pode negar que essa vítima da violência usa dos valores de seus agressores para reagir, o que corrobora o posicionamento violento dos seus algozes. Ou seja, o aluno é duplamente vitimado. O papel da sociedade, sobretudo de pais e educadores, é contribuir para a mudança do paradigma do “bateu levou”. Se quisermos entrar em conjunção com a harmonia e em disjunção com a violência, temos que começar a mudar os discursos e atitudes, sobretudo nos nossos lares e escolas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. Ed, São Paulo: Hucitec, 2006.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. *Emergência de comunidades virtuais de aprendizagem engajadas: quando questões identitárias (não) resultam em diálogo*. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Instituto de Educação Continuada, Pesquisa e Extensão, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte. 191f. 2010.

MATTE, Ana C. F. *Veridicção e Paixão: entrelaçamentos narrativos e discursivos*. 2011. No prelo.  
LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MATTE, Ana C. F. *Veridicção e Paixão: entrelaçamentos narrativos e discursivos*. 2011. No prelo.

MEIRELLES, Elisa. *Caso Casey Heynes: o bullying e a omissão da escola*. Nova Escola. [on line]. 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/caso->

[casey-heyne-bullying-omissao-escola-622917.shtml](#)>. Acesso em: 14/04/2012.

SOBRAL, Adail. *Considerações epistemológicas sobre a semiótica greimasiana*. Estudos Semióticos. [on-line]. Volume 5, Número 1, São Paulo, 2009, p. 63–74. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe51/2009esse51-asobral.pdf>>. Acesso em 06-12-2011.

## ANEXO

### **Caso Casey Heynes: o bullying e a omissão da escola<sup>vi</sup>**

O vídeo divulgado na internet gerou muita polêmica, mas quase ninguém se perguntou o que houve para a situação chegar a esse ponto. Confira a opinião dos especialistas.

Uma cena de bullying gravada em vídeo se espalhou rapidamente pela internet nos últimos dias e ganhou destaque na imprensa mundial. As imagens, registradas em uma escola australiana, mostram o momento em que Casey Heynes - aluno de 15 anos constantemente agredido pelos colegas - se rebela e parte para cima de um de seus agressores.

Com o sucesso na rede, Heynes passou de vítima a herói. Alguns dias depois, os dois garotos eram entrevistados em programas de televisão, apresentando sua versão dos fatos (assista aos vídeos ao lado).

No calor da repercussão e na maneira superficial como o tema foi tratado pelas emissoras, perguntas fundamentais ficaram sem resposta. Qual o papel da escola na história? O que levou o garoto à reação extrema? Há, de fato, algum herói? Para responder a essas e outras dúvidas, NOVA ESCOLA ouviu as pesquisadoras Adriana Ramos e Luciene Tognetta, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPÉM) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). As considerações das especialistas têm como objetivo mostrar a professores, gestores e pais quais ensinamentos podem ser tirados do fato e como usá-lo no combate - constante - ao bullying.

(...)

- i <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/caso-casey-heynes-bullying-omissao-escola-622917.shtml>>. Acesso em 15 de ago. 2012.
- ii <<http://www.youtube.com/watch?v=IjcLVBBYc>>. Acesso em 15 de ago. 2012.
- iii Corrobora esse pensamento Sobral: “A articulação do sentido começa a vir à existência, a partir do material gerado nesse nível fundamental, a partir da intervenção das estruturas narrativas (que não podem prescindir do agir primeiro do vir-a-ser do sentido). A proposição desse nível intermediário entre a “imanência” e a “aparência” amplia sobremaneira o alcance do modelo de descrição do sentido proposto pela semiótica greimasiana. Greimas define a produção de discursos como a resultante de um percurso formado por duas etapas sucessivas: a primeira vai do início do processo de geração do sentido – da irrupção da faculdade humana de significar – à emergência das estruturas narrativas; a segunda, que constitui uma instância autônoma do percurso global do sentido – a significação, subsumindo a primeira, chega ao plano dos discursos significantes articulados em enunciados, que são por ela produzidos” (SOBRAL, 2009, p. 69).
- iv <[http://www.youtube.com/watch?v=HAFoppFFc1k&feature=watch\\_response](http://www.youtube.com/watch?v=HAFoppFFc1k&feature=watch_response)>. Acesso em 15 de ago. 2012.
- v Segundo Lara e Matte (2009), os sujeitos podem ser: a) Potencializado: não quer, não deve, não pode e não sabe fazer. Por isso, está em disjunção com o objeto. Mas a partir de uma crença, adquire potencial para fazer; b) Virtualizado: quer ou deve fazer, mas não pode nem sabe. Assim, também está em disjunção com o objeto; c) Sujeito atualizado: quer ou deve, sabe e pode fazer. Tem todas as condições para realizar a transformação e, portanto, está em eminente conjunção com o objeto; d) Sujeito realizado: já realizou a transformação e está em conjunção com o sujeito.
- vi <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/caso-casey-heynes-bullying-omissao-escola-622917.shtml>>. Acesso em 15 de ago. 2012.